

BELÁFRICA E OS AFRODESCENDENTES. AFRODESCENDENCIA SIGNIFICA ALGO MAIS...

Já se falou de Brasil como *BelÍndia*. Ou seja, um país que é continente para populações com qualidades e níveis de vida similares aos da Bélgica, junto com populações com níveis e qualidades de vida similares aos piores da Índia. A analogia é boa, para representar as discrepâncias absolutas das desigualdades no Brasil. Sua utilidade é limitada, todavia, por se ter usado a Índia. Na verdade é a África que caracteriza o extremo pobre do Brasil. E o Brasil é uma *BelÁfrica*. Bélgica e África, em seus extremos.

E não só em termos de caracterização dos extremos das discrepâncias da desigualdade. Na verdade, a própria constituição do Brasil se dá na tensão da colonização da África pela Europa, nessa tensão que pode ser representada pela expressão *BelÁfrica*, com influxos de outros colonialismos sobre a África, como o colonialismo Islâmico.

Esta tensão colonialista e de dominação da Europa sobre a África se reproduz em grande parte no Brasil, e se perpetua como um colonialismo Europa-África dentro e na constituição do Brasil. A África no Brasil, envolve o Negro Sudanês, oriundo da África Subsaariana; e, também, o Mouro e o Berbere, especificamente africanos, mas Saarianos, Magrebinos, e Norte Africanos. À África na dominação e colonização do Brasil, se agregou o elemento Ameríndio, e os elementos mestiços, os Caboclos (mestiços de Europeus com Ameríndios), os Mamelucos (mestiços de Norte Africanos, Mouros ou Berberes, e a rigor, Árabes e Judeus Africanos, com Ameríndios), os Mulatos (mestiços de Europeus com Sudaneses Negros -- entre os quais se contam frequentemente, Berberes e Mouros...) e os Cafusos (mestiços de Sudaneses, Negros, entre os quais certamente se contam Mouros e Berberes, com Ameríndios).

A compreensão do Brasil envolve a superação de alguns antolhos ideológicos. Antolhos esses que colaboram com a composição e com a imposição de imagens caricatas do Brasil, de acordo com uma variedade de interesses de poderes coloniais; ou de interesses de dominação internos.

Retirados esses antolhos ideológicos, é meio óbvio reconhecer que o Brasil se constitui originariamente de Europa -- Portugal, Espanha, Itália, França --, África, e Ameríndia. Nem sempre fica muito claro, todavia, em que dimensões esta constituição do Brasil se dá, na violenta intersecção histórica colonial entre Europa e África. Intersecção esta que, violentamente, se envolve com o Ameríndio, na constituição originária do Brasil. Nem sempre fica muito claro as culturas coloniais de extermínio, de dominação e de exploração, que se envolvem na colonização, dominação e exploração da África. E, a seguir do Brasil. E que ainda hoje atuam, de formas mais ou menos modificadas, ou mais ou menos preservadas. De um modo geral, não fica clara a participação dos vários elementos étnicos e culturais, em particular Africanos, envolvidos nesses processos.

De modo que, para fugir ao caricatural e ao estereotípico, da carência de conteúdo, na compreensão do Brasil, é fundamental o aprofundamento de uma compreensão da contribuição da África. Contribuição Africana, especificamente; e contribuição alienígena, vinda de fora para a África, trazida por seus diversos colonizadores e exploradores, contribuições estrangeiras e africanizadas. Tanto em termos étnicos, demográficos, como em termos culturais. Em termos de cultura colonial na África, e em termos de cultura colonial especificamente Africana.

Naturalmente que é necessária, também, para uma compreensão histórica do Brasil, uma melhor compreensão do elemento Europeu, e do elemento Ameríndio. Mas avulta a importância de uma melhor compreensão da África. Em função de seus significados étnicos e culturais intrínsecos, e em função de seus significados específicos não só como intersecção cultural, mas igualmente como intersecção de culturas de dominação, e de culturas coloniais. Aspecto fundamental quando queremos pensar e compreender as culturas coloniais, e as culturas de dominação no Brasil.

Para entender, em particular, que, não obstante a seminal contribuição, genética, étnica e cultural, dos Sudaneses (Negros) da África Subsaariana -- preados, cativados e escravizados --, é imprescindível, e irrecusável, incontornável, para a compreensão da sociedade, das culturas e histórias do Brasil, uma compreensão do deserto africano do Saara, de sua geografia, de seus povos, histórias e culturas. E das áreas de influências de suas dinâmicas históricas, comerciais e culturais... Da mesma forma que é imprescindível uma compreensão do Magreb al Aqsa (extremo Norte Ocidental da África, em grande parte o atual Marrocos, segundo a designação dos antigos geógrafos Árabes), e do Norte da África (Tunísia, Argélia, Egito...). De sua geografia, de seus povos, histórias e culturas. E, igualmente, evidentemente, uma compreensão da geografia, povos, histórias e culturas do Sudão, África Subsaariana, África Negra.

É muito importante considerar e compreender a penetração da África pelo colonialismo. Desde os Fenícios, passando pelos Gregos, Romanos, Árabes, Ibéria e Norte Europeu.

E as relações da geografia, dos povos, histórias e culturas do Magreb, do Norte da África, e do Saara, com os povos e culturas Sudanesas da África Subsaariana.

É fundamental entender o Saara, de Norte para Sul, e de Leste para Oeste. Não simplesmente como um tremendo e poderoso obstáculo geográfico. Mas, fundamentalmente, e sobretudo, como a via de comunicação e de transporte que ele foi, e é, na colonização da África, na operacionalização do ataque às riquezas e povos da África Subsaariana.

Também para compreender a história e as culturas do Brasil, é fundamental considerar a Andaluzia, meio Africana, meio Árabe, meio Européia, meio Judia, meio Cristã.

Originalmente, o colonialismo veio pelo Mediterrâneo, com os Fenícios, e, a seguir, com Gregos e Romanos. Não se pode negligenciar o imemorial assédio ao Litoral Oriental, Índico, por Indianos, Árabes, e até Chineses.

Com os Árabes -- os Judeus lhes eram então associados -- de um modo igualmente imemorial, mas intensificado a partir do Século VII (), o assédio veio progressiva e inexoravelmente pelo Saara. Conquistando e colonizando o Norte e o Magreb, e preparando e efetivando o ataque ao coração da África Subsaariana. Os Árabes colonizaram grande parte da África, e foram seqüenciados por Italianos, Ibéricos e Norte Europeus. Os Árabes constituíram uma rica rede de tráfico comercial caravaneiro, e de pontos de apoio, que funcionavam como entrepostos e pousos de descanso das caravanas.

Não tardou a Ibéria e Itália, e em seguida o Norte Europeu -- França, Holanda, Inglaterra --, interessarem-se pelos "mistérios", riquezas, almas, e corpos, da África Subsaariana, e criarem suas redes de comércio colonial.

O tráfico de gente Sudanesa cativa, destinada ao trabalho escravo, sempre se deu, milenarmente, nos sentidos *transsaarianos*. Ou seja, das margens Sul do deserto do Saara para as margens Norte; e das margens Sul para o Nordeste do deserto Africano. E daí para a Europa, Península Arábica, Golfo Pérsico e Índia.

Com o desenvolvimento das colônias européias Sul, e Norte, Americanas, o tráfico de gente passou a se organizar e efetivar, também, e de um modo importante, em sentidos *transatlânticos*. Da África para o Ocidente, agora; da África para as Colônias, Sul e Norte Americanas.

Dentre outras, no sentido transsaariano a moeda era o sal e o ouro, o escravo, a noz de cola (que depois dá na Coca-Cola...). No sentido transatlântico, a moeda era o fumo, a cachaça, a farinha de mandioca, o açúcar.

Como resíduos de milênios de comércio, colonização, civilização, exploração e barbaridades contra a África, se foram criando povos, etnias...

Como tipos étnicos extremos da África, temos, num extremo, ao Norte, os *Líbios*, termo que significa *branco*. E, no outro extremo, ao Sul, os *Sudaneses*, *Negros*, da África Subsaariana.

Povos nômades do Deserto e de suas adjacências, temos os *Berberes*. Povos responsáveis pela designação européia de *Berberia* à região do Norte da África. Designação que logo se corrompeu em *Barbaria*, e em *Bárbaros*. *Berbere*, na verdade, significa *os homens*, em sua própria língua...

Os *Berberes*, desde sempre, se miscigenaram com os *Sudaneses*, *Negros*, da *África Subsaariana*. De modo que temos Berberes de cor de pele variando desde a pele clara, até os de pele intensamente Negra.

Os *Árabes*, em suas históricas investidas comerciais e coloniais, se miscigenaram com os *Berberes*. Dessa miscigenação de Árabes com Berberes se constituíram os *Mouros*. Um tipo étnico de grande prevalência na África, e que se transportou para o Brasil primitivo. Descendente do Berbere, assim como do Árabe, o Mouro pode, portanto, variar também na cor de pele; desde os de pele clara, até os de pele intensamente Negra.

Como os Árabes, os Judeus, os Ibéricos, os Italianos, e os Norte Europeus --, os Mouros e o Berberes estiveram, também, profundamente envolvidos nos negócios do colonialismo e da colonização na África e no Brasil. Nos negócios do Ouro, do Sal, do marfim, da noz-de-cola, da preação, da escravização, do tráfico de cativos, nos negócios do açúcar, do trabalho escravo; da administração e das milícias nos engenhos e nas fazendas, já no Brasil. De modo que, se Ibéricos, Italianos, Árabes Ibéricos e Andaluzes, Judeus Ibéricos e Andaluzes, Norte Europeus, vêm a constituir os germes da população e da cultura brasileiras; junto com os Sudaneses escravizados, e os Ameríndios; igualmente vêm a constituir germes da população e da cultura brasileiras, também, os Berberes, e os Mouros, os Árabes e os Judeus do Norte da África, do Saara e do Magreb. E não apenas os Ibéricos, os Italianos, e os Europeus do Norte, Árabes e Judeus da Ibéria, da Andaluzia, da Itália, ou do Norte Europeu, Sudaneses da África Subsaariana e Ameríndios.

É importante observar que, com o ataque à Andaluzia pelos reinos Cristãos da Europa, e pelo fundamentalismo Islâmico Magrebino, com a decadência e destruição da Andaluzia, e com a Diáspora Andaluz, da mesma forma que com a colonização Ibérica das Ilhas Atlânticas da África: Madeira, Canárias, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde...,

um significativo contingente de população Andaluz migra, e se estabelece no Norte da África, no Magreb e nas Ilhas Atlânticas. De onde importantes contingentes passam historicamente para o Brasil. Como é, certamente, o caso de João Fernandes Vieira, líder da resistência e da supressão da ocupação holandesa do Nordeste do Brasil, proveniente da Ilha da Madeira. A influência desta origem específica de João Fernandes Vieira em seu papel na expulsão das tropas e governo Holandês do Nordeste do Brasil ainda está certamente por ser comentada – Lisboa já se compunha, covardemente, com os Holandeses, a despeito dos interesses do Brasil e da população Brasileira. E, efetivamente, mandou prender João Fernandes Vieira, quando este se rebelou contra o governo e exércitos holandeses, no que foi obstada pelos exércitos Pernambucanos da restauração. Este contingente de imigração proveniente das Ilhas Atlânticas, de origem Andaluz, ou não, é significativamente heterogêneo, em termos étnicos e culturais, com relação ao contingente europeu, Lusitano, Hispânico, Italiano, e Norte Europeu.

De modo que temos a considerar mais devidamente, na constituição originária da população Brasileira, a participação de um contingente de étnico de população e culturas Andaluzes, e um contingente Africano de Berberes e Mouros, assim como de Árabes e Judeus Africanos, oriundos na verdade de toda a África, mas em particular da África do Norte, e do Magreb.

Em termos culturais, e em termos de cultura de colonização, e de dominação, é importante considerar que existe um certo “olho do furacão”. Ou seja, a constituição, na África, de *uma cultura de interface colonial e de dominação*. Que envolve elementos, étnicos e culturais, tanto Europeus, como Norte Africanos, Magrebinos, e mesmo Sudaneses. Todos a serviço da colonização, da exploração das riquezas da África, da preação de Sudaneses, e de sua escravização. O traficante muçulmano Negro de escravos, ou o “Pombeiro” – africano Negro que fazia a preação de Sudaneses, parecem tipos bem representativos do tipo autóctone desta cultura colonialista de interface. Da mesma forma que o Mouro ou o Berbere empregados seja administrativa, comercial ou militarmente pela colonização Ibérica, Italiana ou Européia, de um modo geral, são exemplos significativos e importantes desta *cultura colonial e de dominação de interface entre a Europa e a África*.

É importante considerar, neste sentido, que, na África, o Europeu não é simplesmente um Europeu, ou seja, o Europeu *in natura*. Mas um *Europeu africanizado*. Um *Europeu Africanizado* na *interface de cultura Européia e Africana colonial e de dominação*, que envolve elementos Europeus e Africanos, que envolve elementos de colonização Árabe, elementos de colonização Moura, e Berbere. De modo que ele não tem simplesmente o que lhe restou de cultura e civilização Européia, mas se acultura nessa *cultura de interface européia africana colonial e de dominação*.

Da mesma forma, igualmente, o Africano partícipe desta cultura africana colonial de interface, seja ele Magrebino ou Norte Africano, Sudanês, Berbere ou Mouro, não é simplesmente o que ele é, ou seja, simplesmente Africano, Berbere, Mouro, ou Sudanês... De modos significativos, ele se aculturou numa *cultura colonialista e de dominação européia-africana de interface*. Tanto nos usos, utilidades e práticas coloniais, como enquanto empregado desta cultura colonial.

Creemos que algo que confunde com relação ao tipo de colonizador original do Brasil, é que numericamente ele não é simplesmente um Europeu... Mas um Europeu Africanizado; ou um Africano, não Sudanês de um modo geral, Europeizado... Com as suas respectivas e características culturas mestiças, seja em termos étnicos, seja em termos de cultura colonialista e de dominação.

A produção de Cana de Açúcar, a produção de açúcar, a preação e a escravização, o trabalho escravo, em particular a gestão violenta de todos eles, trouxeram para o Brasil os elementos étnicos e culturais desta violenta *cultura de interface colonial e de dominação*. São todos esses elementos constituintes de nossas forças e mazelas. E certamente que quando procuramos compreender a sociedade brasileira – a violência e a corrupção endêmicas, por exemplo... -- não os podemos deixar ausentes.

Conclusão:

(BellIndia. *Afrodscendente* significa algo mais...)

A compreensão do Brasil envolve a superação de alguns antolhos ideológicos que impõem imagens caricatas do Brasil, de acordo com uma variedade de interesses de poderes coloniais, ou de dominação internos. Retirados esses antolhos, é meio óbvio reconhecer que o Brasil constituiu-se originalmente de Europa -- Portugal, Espanha, Itália, França --; e África. Na violenta intersecção colonial entre Europa e África, que, violentamente, se envolve com o Ameríndio, na constituição originária do Brasil.

Para fugir, não obstante, ao caricatural e ao estereotípico da carência de compreensão, é fundamental o aprofundamento desta visão no que concerne à contribuição da África. Tanto em termos étnicos, demográficos, como em termos culturais, e em termos de cultura colonial na África, e Africana.

Para entender que, não obstante a seminal contribuição, genética, étnica e cultural, para a cultura e população brasileiras, dos Sudaneses (Negros) da África Subssariana -- preados, cativos e escravizados --, é imprescindível, e irrecusável, para a compreensão da sociedade, das culturas e histórias do Brasil, uma compreensão do Saara, de sua geografia, de seus povos, histórias e culturas... Da mesma forma que uma compreensão do Magreb e do Norte da África, de sua geografia, de seus povos, histórias e culturas. E, igualmente, uma compreensão da geografia, povos, histórias e culturas do Sudão, da África Subssaariana.

É muito importante considerar e compreender a penetração da África pelo colonialismo, desde os Fenícios, passando pelos Gregos, Romanos, Árabes, Ibéria e Norte Europeu.

É fundamental considerar a Andaluzia.

E as relações da geografia, dos povos, histórias e culturas do Magreb, do Norte da África e do Saara com os povos e culturas Sudanesas da África Subssariana. É fundamental entender o Saara, de Norte para Sul, e de Leste para Oeste, não simplesmente como um tremendo e poderoso obstáculo geográfico. Mas, fundamentalmente como a via de comunicação que foi, e é, na colonização do Norte da África, e do Magreb, na operacionalização do ataque às riquezas e povos da África Subssariana.

Originalmente, o colonialismo veio pelo Mediterrâneo, de Fenícios, e, a seguir, de Gregos e Romanos. Não se pode negligenciar o imemorial assédio ao Litoral Oriental, por Indianos, Árabes, e até Chineses. Com os Árabes, de um modo igualmente

imemorial, o assédio veio progressiva e inexoravelmente pelo Saara. Conquistando e colonizando o Norte e o Magreb, e preparando e efetivando o ataque ao coração da África Subsaariana, com a constituição de uma rica rede de tráfico comercial caravaneiro, e dos pontos de apoio que funcionavam como entrepostos, e para o descanso das caravanas.

Não tardou a Ibéria, e em seguida o Norte Europeu – França, Holanda, Inglaterra --, interessarem-se pelos “mistérios”, riquezas, almas, e corpos, da África Subsaariana. O tráfico de gente Sudanesa cativa, destinada à escravidão -- que sempre se dera nos sentidos *transsaarianos*, de Sul para o Norte, e de Sul para o Nordeste africanos – agora se organizava da Costa Leste para o Oeste, em sentidos *transatlânticos*. Da África para as Colônias, Sul, e Norte, Americanas.

Dentre outras, no sentido transsaariano a moeda era o sal e o ouro; no sentido transatlântico, o fumo, a cachaça, o açúcar.

Como resíduos de milênios de comércio, colonização, civilização, exploração e barbaridades contra a África, se foram criando povos, etnias...

Como tipos extremos da África, temos os Líbios, brancos, do Norte, num extremo. E, no outro, os Sudaneses, Negros, da África Subsaariana. No sentido Norte-Sul, do Norte Africano e do Saara, os *Berberes*, povos nômades de Deserto e do Norte, desde sempre se miscigenaram com os *Sudaneses, Negros, da África Subsaariana*. De modo que temos Berberes de cor de pele variando desde a pele clara, até os de pele intensamente Negra.

Os *Árabes*, em sua marcha de trocas e colonial, miscigenaram-se com os Berberes. Dessa miscigenação de Árabes com Berberes se constitui o *Mouro*. Um tipo étnico de grande prevalência na África, e que se transportou para o Brasil. Descendente do Berbere, assim como do Árabe, o Mouro pode variar também de cor de pele, desde os de pele clara, até os de pele intensamente Negra.

Como os Árabes, os Judeus, os Ibéricos, os Italianos, os Norte Europeus, o Mouro e o Berbere estiveram, também, profundamente envolvidos nos negócios do Açúcar, do Ouro, do Sal, do marfim, da preação, da escravização, do tráfico de cativos, do trabalho escravo, da administração e das milícias nos engenhos e das fazendas. De modo que se Ibéricos, Italianos, Árabes, Judeus, Norte Europeus, vêm a constituir os germes da população e da cultura brasileiras; junto com os Sudaneses escravizados, e os Ameríndios; igualmente vêm a constituir germes da população e da cultura brasileiras, também, os Berberes, e os Mouros, os Árabes e os Judeus do Norte da África, do Saara e do Magreb. E não apenas os Árabes e Judeus da Andaluzia, da Ibéria, e da Itália, ou do Norte Europeu.

Com a Diáspora Andaluz, e com a colonização Ibérica das Ilhas Atlânticas da África, Madeira, Canárias, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, um significativo contingente Andaluz migra, e se estabelece no Norte da África, no Magreb e nas Ilhas Atlânticas. De onde importantes contingentes passam para o Brasil, como é certamente o caso de João Fernandes Vieira, líder da resistência e da supressão da ocupação holandesa do Nordeste do Brasil, proveniente da Ilha da Madeira. Este contingente é significativamente heterogêneo, em termos étnicos e culturais, com relação ao contingente europeu, Lusitano, Hispânico, Italiano, e Norte Europeu.

É importante considerar que em termos culturais, e em termos de cultura colonial, existe um “olho do furacão”. Ou seja, a constituição, na África, de uma cultura colonial de interface, que envolve elementos, étnicos e culturais, tanto Europeus, como Norte Africanos, Magrebinos, e mesmo Sudaneses, todos a serviço da colonização, da exploração das riquezas da África, da preação de Sudaneses, e de sua escravização. O traficante muçulmano Negro de escravos, ou o “Pombeiro” – africano Negro que fazia a preação de Sudaneses, parece um tipo bem representativo do tipo autóctone desta cultura colonialista de interface.

É importante considerar que na África o Europeu não é simplesmente um Europeu, mas um Europeu africanizado na cultura Européia e Africana colonial, que envolve elementos Europeus e Africanos, e que, igualmente, envolve elementos de colonização Árabe, elementos de colonização Moura ou Berbere.

Da mesma forma que o Africano partícipe desta cultura africana colonial de interface, seja ele Magrebino ou Norte Africano, Sudanês, Berbere ou Mouro, não é simplesmente o que ele é, ou simplesmente Africano. De modos significativos, ele se aculturou numa cultura colonialista européia, tanto nos usos, utilidades e práticas coloniais, como enquanto empregado desta cultura colonial.

A produção de Cana de Açúcar, a produção de açúcar, a preação e a escravização, o trabalho escravo, em particular a gestão violenta de todos eles trouxe para o Brasil os elementos étnicos e culturais desta violenta cultura colonial de interface. São todos constituintes de suas forças e mazelas. E certamente que quando procuramos compreender a sociedade brasileira – a violência e a corrupção endêmicas, por exemplo... -- não os podemos deixar ausentes.